

JÁ PASSAVA bastante da meia-noite quando Tim Grandage atravessou a rua deserta e soturna da zona comercial de Calcutá. Gerente da filial do Banco de Hong-kong e Xangai, esse inglês de 30 anos passara o serão num lauto jantar com clientes. Agora, caminhava entre pedintes que dormiam pelas calçadas.

Quando se aproximou de seu automóvel, um grupo de meninos sujos o rodeou, dizendo-lhe coisas em bengali. Grandage olhou para eles sem entender. «O que estarão ten-

tando me dizer essas pobres crianças?», perguntou-se.

No dia seguinte, ele pediu a um colega que sabia bengali que o acompanhasse até o parque de estacionamento, para o caso de as crianças ainda estarem lá. Estavam mesmo.

«Por favor, *sahib*, não estacione aqui à noite», disse uma criança. «Se acontecer alguma coisa ao seu automóvel, a polícia vai nos acusar!»

«*Sahib*», implorou outro menino, «se quiser deixá-lo aqui, nós tomamos conta.»

A visão de esperança de Tim Grandage

Um bem-sucedido bancário abandona uma carreira de confortos para dar aos meninos da rua de Calcutá um lar e um futuro.

RICHARD EHRLICH

Erica e Tim Grandage com Shankar e Sanjay, meninos do Esperança Futura.



Nas semanas seguintes, Grandage familiarizou-se com os guardadores de seu carro. Impressionou-o especialmente um menino de 8 anos que não tinha família e trabalhava numa venda de chá próxima, para um homem que o espancava. Como quase todas as crianças de rua de Calcutá, cujo número se calcula em 1 milhão, ele e seus amigos tinham nascido miseráveis. Comparada com aquelas vidas tristes, a sua parecia embarçosamente confortável. O banco punha à sua disposição um apartamento enorme com três quartos, um cozinheiro, e pagava para ele os clubes mais seletos de Calcutá. «Quem me dera ter como ajudar essas crianças», desejou Grandage.

O Esperança Futura. Certa manhã, ele chegou ao parque de estacionamento e viu um menino deitado na calçada, tiritando de frio. Sua testa escaldava. Correu com ele para um consultório que ficava próximo, pertencente a um médico, o Dr. Jamunesh Chatterjee, amigo de outro médico cliente seu. «Ele está com febre e apresenta problemas gástricos», informou o doutor, «mas este remédio deve resolver tudo.»

Depois recusou pagamento, dizendo: «Se tiver mais crianças doentes, por favor, traga-as aqui.»

Em breve, Grandage levava mais de uma dúzia de crianças por semana ao clínico, que as tratava gratuitamente.

«Consigo mantê-las ao abrigo das doenças», pensou Grandage, «mas elas precisam é de sair das ruas. Deve haver um modo de fazer isso.»

A simpatia especial de Grandage pelos desprotegidos tinha origem em sua própria infância em Londres. A mãe era assistente social e foi quem inspirou Tim com seu modo terno de ser. O pai era médico e contava entre seus pacientes gente da alta e também pessoas humildes. A porta da casa estava sempre aberta para quem necessitasse de ajuda.

Quando lhe foi recusado acesso à Faculdade de Medicina, Tim passou um ano trabalhando no Sudeste Asiático para a Cheshire Homes, fundação de beneficência que proporciona alojamento para deficientes de todo o mundo.

Mesmo depois de se matricular na Universidade de Nottingham, em outubro de 1979, para estudar Administração Social, continuou a fazer trabalho voluntário. Ao formar-se, trabalhou durante um ano num projeto do Save the Children Fund (Fundo Salvem a Criança). Depois achou que devia procurar uma «carreira» mais estruturada. Desejando voltar a viver no estrangeiro, obteve um emprego muito cobiçado numa divisão exterior do Banco de Hongkong e Xangai. Em janeiro de 1987, foi colocado em Calcutá como gerente de agência.

Confrontado com os problemas dos órfãos das ruas de Calcutá, Tim Grandage decidiu que a melhor forma de tirá-los de lá e integrá-los socialmente era colocá-los num ambiente familiar. Nas casas que idealizou, dezenas de crianças poderiam viver como irmãos, com pais indianos que os acolhessem. Ao esboçar

por escrito o plano do projeto, batizou-o de «Future Hope» (Esperança Futura).

O primeiro teste de sua idéia veio quando um dos funcionários superiores de seu banco, V. A. Anthony, se aposentou. Grandage sugeriu: «Por que você não leva umas crianças de rua para casa?»

Anthony surpreendeu-se, embora há muito se preocupasse com os jovens sem-teto da cidade. Depois de falar com a mulher, concordou. Construiu-se mais um quarto no telhado, por cima do apartamento de último andar dos Anthony, onde as crianças poderiam cozinhar e dormir. Grandage convenceu rapidamente quatro meninos de rua a se mudarem para lá.

«As crianças precisam do amor e da estabilidade da vida familiar, e precisam estudar, tanto como de alimentos e abrigo», pensou Grandage. Por coincidência, acabara de conhecer Abdul Salam Ansari, que crescera num bairro pobre e, com a ajuda dos Anthony, conseguira terminar seu ensino secundário. Grandage perguntou-lhe se queria ensinar no Esperança Futura. Seu modesto salário seria pago com as contribuições que Grandage solicitaria a amigos e associados. O Esperança Futura estava se tornando em algo real.

Mas, em outubro de 1989, Grandage foi transferido inesperadamente, devendo regressar a Hong Kong. O Esperança Futura prosseguia, com sete crianças ocupando o abrigo no alto do prédio dos Anthony e estes a dirigirem os assuntos do dia-a-dia.

Para se manter à testa do projeto, Grandage tinha de tomar um avião todos os meses para ir a Calcutá. Depois, passou a fazer isso todos os fins de semana. Seu trabalho no banco se ressentia e o Esperança Futura sofria sérias restrições. Ao dar-se conta disso, ele se viu diante da decisão mais difícil de sua vida: «Devo abandonar meu emprego?»

Todos os que o conheciam de perto lhe disseram que seria loucura sair do banco. Ele passou noites sem dormir, debatendo-se com sua consciência. «Será burrice minha pensar em desistir de minha carreira?»

Mas havia também outros problemas. Era muito difícil preparar as crianças para freqüentarem as escolas. Já era bastante complicado conseguir a entrada de uma delas numa boa escola de Calcutá. Tirar aquelas crianças das ruas e conseguir que as admitiessem nas escolas ia ser extremamente difícil. A única solução, concluiu Grandage, era constituir um sistema de educação oficial dentro do próprio Esperança Futura. Era evidente que não podia fazer de seu projeto um sucesso se vivesse tão longe de Calcutá. Então se decidiu.

Vida nova. No início de setembro de 1990, ele deixou os colegas boquiabertos quando apresentou sua demissão ao banco. Passadas algumas semanas, estava de volta a Calcutá, reconstituindo febrilmente a rede de contatos que construía enquanto fora gerente do banco, em busca de donativos para alimentos, roupas e apoio financeiro.

O Banco de Hongkong e Xangai

até concordou em pagar o aluguel de meio ano para uma residência. Pouco tempo depois, 32 crianças passavam a noite no chão de seu apartamento em Ballygunge, em Calcutá. Quando tinha de se ausentar, Grandage deixava-os aos cuidados de Deepak Baidya, de 29 anos, ex-assistente social. Com uma administração financeira mais firme e mais algumas ajudas, o Esperança Futura podia receber mais crianças necessitadas. Grandage encontrava-as quase sempre na estação ferroviária de Howrah, de Calcutá, local de encontro para inúmeros meninos de rua.

Os protegidos de Tim. Entre eles estava Ahmed*, de 11 anos, que vivia na estação desde pequeno. Embora Grandage lhe tivesse arranjado um médico quando estava doente, ele preferia ficar na estação. «Não viva aqui», pedia Grandage sempre que o visitava. «Venha para o Esperança Futura; lá vão tratar você bem.»

«Vou experimentar», respondeu-lhe um dia o menino. «Posso ir-me embora quando quiser, não posso?»

Mas, quando entrou na residência, ficou impressionado com o aspecto limpo dos meninos e com os livros e brinquedos espalhados por toda a parte. A partir desse momento, sentiu-se definitivamente em casa.

Depois apareceu Rajesh*, de 10 anos. Vivia há dois anos na estação e aprendera a sobreviver recolhendo legumes que caíam dos caminhões de distribuição de um mercado próximo e vendendo-os depois.

Atacado pela sarna, ele passou três meses, em 1990, no abrigo Nova Vida de Madre Teresa, onde Grandage era voluntário.

«Quem é esse cara?», perguntou Rajesh aos amigos um dia.

«Ele tem uma organização onde somos tratados como membros de uma grande família», lhe disseram. «Até manda a gente para a escola.»

Rajesh se aproximou timidamente de Grandage e pouco tempo depois passou a viver no Esperança Futura, comendo bem e ocupado com trabalhos de casa pela primeira vez.

Para manter o projeto de pé, Grandage vive atrás de donativos. Médicos e professores trabalham gratuitamente; mães dão roupas e livros usados de seus filhos; empresas contribuem com alimentação.

Entre os que se deixaram comover com a visão do Esperança Futura estão Mahesh e Murari Chandra, que prontamente puseram à disposição o andar térreo de sua grande casa. «Considere-a sua, sem ter de pagar aluguel», lhe disse Chandra. Os Anthony estavam para se mudar para o Sul, de forma que todos os meninos se transferiram para essa nova casa. No fim de 1992, o Esperança Futura obteve o uso gratuito de mais duas residências. Desde então, o espaço não tem sido uma preocupação premente.

Nada se revelou tão decisivo para o bem-estar das crianças como os estudos na escola interna do Esperança Futura. Para atrair e manter o interesse das crianças, a maior parte das quais habituada à liberdade to-

* Seu verdadeiro nome foi alterado.

tal, Grandage sabia que tinha de encontrar um modo de tornar os estudos coisa divertida. No início, as lições assimiladas por uma criança geram-se sobretudo a partir de seus interesses individuais. Se ela mostrar jeito para cantar, ensina-se-lhe música. Se gostar de dançar ou praticar esportes, irá se ocupar especialmente com essas atividades. Quando o jovem começa a ganhar confiança é que os professores introduzem a leitura, a escrita e a matemática.

Verificou-se que tal estratégia dava resultado quando a primeira leva de alunos foi admitida em escolas oficiais. A princípio, as crianças não tiraram grandes notas, mas quando o ano escolar chegou ao fim, o pessoal do Esperança Futura foi o mais bem classificado das várias turmas. Os mais velhos se beneficiaram de formação profissional e Grandage ajudou-os depois a encontrar trabalho.

Hoje em dia, o Esperança Futura abriga mais de 120 crianças desvalidas, inclusive algumas meninas, e tem 24 empregados, dos quais só quatro são europeus. Grandage espera ampliar seu projeto. «Nosso objetivo não é elevar demais nossas expectativas materiais», diz ele, «mas sim nos concentrar na consciência moral e social, e ajudar as crianças a se tornarem cidadãos responsáveis de seu país.»

Vi como Grandage e sua equipe são dedicados quando visitei uma das residências, numa espaçosa casa de dois andares. Várias crianças estavam sentadas, lendo; outras brincavam no chão. Quando entrei, um

dos meninos o chamava ansiosamente, dizendo: «Tio, na aula de Geografia temos de desenhar mapas de memória... e eu não consigo.» Grandage agachou-se junto do menino para lhe mostrar como devia fazer.

«Quando cheguei aqui pela primeira vez», conta Erica Hiltermann, enfermeira, «vi como as crianças se reuniam sempre em redor de Tim, como ele as fazia felizes. Admirei a forma como ele nunca desiste de uma criança, em nenhuma circunstância.» Erica, que vem da Holanda, entrou em março de 1992 com a intenção de trabalhar aqui seis meses antes de voltar a seu país. Agora não tenciona mais sair; ela e Grandage se casaram em julho de 1994.

A melhor prova do êxito do Esperança Futura, no entanto, reside em seus estudantes, passados e presentes. Ahmed, o menino que Grandage convenceu a sair da estação ferroviária, tem agora 17 anos e estuda na Escola Noturna São Xavier. Durante o dia, é aprendiz de hotelaria num dos maiores hotéis de Calcutá.

Enquanto há vida... Rajesh, agora com 13 anos, está estudando computadores na escola, juntamente com outras matérias. Falando fluentemente inglês, bengali e hindi, é um dos primeiros da turma. Anunciou: «Quero ser homem de negócios.»

Por enquanto é o embaixador do Esperança Futura. Ao acompanhar Grandage numa visita à estação ferroviária de Howrah, levou-o até um grupo de crianças esqueléticas e esfomeadas que se lembravam dele e que ficaram claramente impressio-

nadas com as roupas impecáveis e seu aspecto bem nutrido. Mas, quando Rajesh sugeriu que fossem para o Esperança Futura, recuaram. «Eles ainda não entenderam», disse Rajesh a Grandage.

Passados alguns minutos, um menino se aproximou sozinho dos dois e disse timidamente: «Quero experimentar o Esperança Futura.»

Grandage fez-lhe um interrogatório completo: «Onde estão seus

pais? Há quanto tempo você está na rua? Por que quer ir conosco? Está disposto a ir à escola?» Por fim, convencido, sorriu e afirmou: «Gostaríamos que você se juntasse a nós.»

«É incrível o tempo que ele gasta com os nossos problemas», comentou Rajesh mais tarde. «É disso que gosto nele.»

Depois, hesitou e acrescentou: «Acho que talvez ele nos ame também.»



Histeria generalizada

UM COLEGA meu, que é professor de Psicologia Clínica na Universidade de Victoria, em Wellington, na Nova Zelândia, incluiu uma conferência sobre Psicologia de Multidões em seu curso anual. Para ilustrar a histeria das massas, exibia regularmente filmes de telejornais mostrando as multidões de adolescentes que receberam os Beatles, quando estes chegaram a determinado aeroporto, nos anos 60.

No ano passado, quando ele estava passando esse filme, ouviu guinchos e explosões de riso entre os alunos. Quando o filme acabou, ele perguntou o que é que tinha causado aquela hilaridade. Um aluno respondeu:

— É que nós reconhecemos algumas das nossas mães!

— Roger Robinson, EUA

Trabalho de grupo

QUANDO o escritor está sozinho em frente do papel em branco, ele não está de maneira nenhuma sozinho. Espiando por cima de seu ombro está toda a memória de seu povo, os ritmos e os jeitos de gerações e gerações que o precederam e se deleitaram em seus contares orais, falados e cantados, em suas lengalengas e canções de embalar.

Quando o escritor pensa que está sozinho em frente do papel em branco, ele não está de maneira nenhuma sozinho. Espiando por entre suas mãos estão os dias mais ou menos longínquos de sua infância, a voz da mãe ou do avô ao serão, os receios das noites de tempestade, os risos das brincadeiras e o sangue dos joelhos esfolados.

— Maria Alberta Menéres, em *Boletim Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian*, Portugal